

MUSA

museus, arqueologia & outros patrimónios

**Volume 4
Setúbal 2014**

**FIDS & MAEDS
Autarquias do Distrito de Setúbal**

Binford e a Arqueologia Portuguesa O Curso de Antropologia Pré-Histórica do MAEDS

JOAQUINA SOARES*

RESUMO

A autora apresenta o Curso Superior Livre de Antropologia Pré-histórica organizado pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS) entre 1980 e 1983, o qual foi pioneiro no ensino de uma arqueologia pluridisciplinar ao incluir os domínios da matemática e da geologia do quaternário. Merece igualmente destaque a componente experimental do curso, constituída por campanhas anuais de escavação arqueológica no porto romano da Ilha do Pessegueiro (Sines).

ABSTRACT

The author presents a free superior course of Prehistoric Anthropology organized by the Museum of Archaeology and Ethnography of the District of Setubal (MAEDS) between 1980 and 1983. This course was pioneer in the teaching of archaeology in a multidisciplinary perspective, including maths and geology. It is also worth to enhance that the course included a fieldwork that took place in the roman harbour of Pessegueiro Island (Sines).



Fig. 1 - Ilha do Pessegueiro. Vista geral da escavação e do braço de mar que a separa de terra. Aqui decorreram as aulas práticas do curso de Antropologia Pré-histórica do MAEDS. Seg. Tavares da Silva & Soares, 1993.

* Directora do MAEDS (Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal); investigadora da UNIARQ/Universidade de Lisboa.

ECOS DA NOVA ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

Arte Proto-Histórica e Arqueologia Cognitiva

“*Archaeology as Anthropology*” pode ser considerado o manifesto da “Nova Arqueologia”, na visão americana, especialmente vinculada à Antropologia Cultural. Publicado em 1962 (Binford, 1962)¹, aquele artigo viria a ser citado, pela primeira vez em Por-

tugal, até melhor informação, por Mário Varela Gomes e pelo saudoso Jorge Pinho Monteiro, em 1977 (Gomes & Monteiro, 1976-77)², em um ensaio de referência sobre arte proto-histórica, no qual rompem com a tradição empirista e impressionista que marcou, com raras exceções, a arqueologia portuguesa até aos anos 70 do século XX. Neste estudo, sobre as estelas da Idade do Bronze da Herdade do Pomar, o enraizado comparativismo apoiado em analogias for-

Quadro 1 - Caracterização sumária de algumas das componentes do movimento da Nova Arqueologia. Síntese a partir de Binford, 1962.

Movimento Nova Arqueologia			
Conceitos herdados	Alianças interdisciplinares estratégicas	Perspectivas de análise	Corte epistemológico
Sistema cultural de inspiração childeana	Geologia	Multidisciplinar	Historicismo Culturalista
	Ciências da Natureza e Ecologia	Sistémica	Difusionismo
	Química (datações radiocarbónicas)		
	Geografia Humana		
	Antropologia Cultural		
	Matemática, Estatística, Informática		

Quadro 2 - Cultura material, contextos funcionais e sistema cultural. Síntese a partir de Binford, 1962.

Pensamento funcionalista e cultura material			
Classes artefactuais	Contextos funcionais primários	Perspectivas de análise	Relações dominantes no Sistema Cultural Total
Artefactos tecnómicos	Exploração do meio biofísico envolvente, ou seja, contextos de produção, subsistema eco-tecnológico.	Funcionalista/ adaptativa	Forte correlação positiva com variáveis ambientais, possível de validar através de estudos independentes de pólen, carvões, macrorrestos vegetais e restos faunísticos.
Artefactos sociotécnicos	Subsistema social, Integração individual ou grupal no subsistema social do sistema cultural total.	Funcionalista/ adaptativa	Forte correlação positiva com complexidade social e mudanças na estrutura social.
Artefactos ideotécnicos	Subsistema ideológico do sistema social	Funcionalista/ adaptativa	Forte correlação positiva com o subsistema ideológico do sistema social. "Provide the symbolic milieu in which individuals are enculturated... as functional participants in the social system", Binford, 1962.
Atributos estilísticos, arte e comunicação simbólica	Áreas de práticas comuns do sistema cultural total.	Transversal às restantes classes funcionais Funcionalista / adaptativa	Forte correlação positiva com a caracterização identitária e a diferenciação cultural. "This pan-systemic set of symbols is the milieu of enculturation and a basis for the recognition of social distinctiveness", Binford, 1962.

1 - Binford, L. R. (1962) - *Archaeology as Anthropology*. *American Antiquity*, 28(2), p. 217-225.

2 - Gomes, M. Varela & Monteiro, J. Pinho (1976-77) – As estelas decoradas da Herdade de Pomar (Ervidel-Beja) – estudo comparado. *Setúbal Arqueológica*, II-III, p. 281-343.

mais foi substituído por uma perspectiva de análise de processo e sistémica, suportada pela construção de uma base de dados analítico-tipológica, pelo esforço de contextualização arqueológica das estelas, e pela construção de um modelo teórico dotado de lógica interna em que a explicação do significado e sentidos, em abordagem cognitiva, se faz através da integração do subsistema ideológico, na totalidade do sistema cultural. O referido estudo conclui justamente com um capítulo intitulado “interpretação paleo-etnológica”, fruto de um casamento feliz entre a arqueologia e a antropologia cultural (Figs. 2 e 3).

Convocatórias para debates adiados

Victor de Oliveira Jorge, um dos autores da geração da signatária que mais se preocupou com a teoria arqueológica, publicou na revista *Arqueologia* dois editoriais e uma nota sobre Lewis Binford que nos dão a medida das limitações da prática arqueológica em Portugal e da pobreza do debate científico na segunda metade dos anos 80 do século XX. Em qualquer um dos editoriais, V. O. Jorge convoca os jovens para a acção (qual?):

“O debate em torno destas questões deverá ser lugar-comum no nosso meio arqueológico, tão habituado à improvisação metodológica como avesso às discussões teóricas” (Jorge, 1985, p. 5).

No entanto, já sob a influência das correntes pós-processualistas, o mesmo autor acrescenta:

“Medite-se, por exemplo, nas reflexões de um autor como Ian Hodder, que nos propõe uma “arqueologia contextual” como forma de ultrapassarmos as formulações neo-funcionalistas da Nova Arqueologia” (Jorge, 1985, p. 5).

No editorial de 1987, “A Escola Arqueológica do Norte”, depois de apelar à institucionalização, profissionalização e colaboração entre todos os arqueólogos, é a questão da autarcia da arqueologia portuguesa e da sua dificuldade em se internacionalizar que marca o final do texto, em amarga lamentação:

“[...] e que aos nossos especialistas sejam facultadas as condições para se apresentarem com mais frequência nas reuniões internacionais, chamando a atenção para os colegas estrangeiros de que a Arqueologia portuguesa já não é, como aconteceu em algumas fases do Passado, um domínio metodologicamente apartado do resto da Europa e do Mundo” (Jorge, 1987, p. 2-3).

No número da revista em apreço, um dos arqueólogos distinguidos é Lewis R. Binford; esta curta nota biográfica termina com um apelo aos jovens ar-

queólogos para lerem a obra deste autor. Julgamos que esta, como as outras convocatórias, não tiveram expressiva adesão. No entanto, esse apelo terá sido ouvido por alguns jovens e menos jovens arqueólogos, que nos dão conta dessas leituras em uma singular publicação editada pela Universidade do Algarve, no ano de 1990, sob coordenação de Teresa Júdice Gamito, quando o paradigma da arqueologia processualista já estava em acelerada desconstrução no “1.º Mundo”. Da publicação *Arqueologia Hoje. I-Etno-Arqueologia*, destacam-se os textos de dois autores portugueses claramente inspirados pela Nova Arqueologia: José Mateus (Mateus, 1990) e Nuno Carvalho dos Santos (Santos, 1990). Ao último, a curta vida não lhe permitiu operar a fecunda articulação de um pensamento claro com uma prática promissora, ou seja, de construir a ponte entre a teoria e a arqueologia de campo. Partilhamos com ele, face à estrutura do ensino da arqueologia em Portugal, a ideia de que a permanência da arqueologia no domínio da história seria aceitável se fosse “*construído por arqueólogos tendo em conta as particularidades do registo arqueológico*” e se se procurasse outro tempo que não o historiográfico; ao perseguirmos o tempo real de acção do Homem social, seria frutuoso estreitar relações com outros domínios das ciências sociais e humanas.

A NOVA ARQUEOLOGIA E O CURSO DE ANTHROPOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA DO MAEDS

Ao movimento da “Nova Arqueologia” devemos, pois, a renovação dos princípios metodológicos e teóricos do nosso domínio científico. À contribuição de Lewis Binford é obrigatório juntar, entre outras, as de David Clarke, André Leroi-Gourhan, Colin Renfrew.

Não descartando, mas aprofundando um corpo de conhecimentos e métodos ancestralmente partilhados com a geologia, como a estratigrafia, e ampliando a interacção com as ciências da natureza e do ambiente (botânica, zoologia, ecologia), este movimento acabaria por inscrever a multidisciplinaridade na matriz metodológica da arqueologia, a par do rigor da quantificação, assegurado pela intervenção instrumental da estatística e da informática; para completar a “recuperação” do *sistema cultural total* das sociedades “extintas” era proposta uma articulação duradoura com a antropologia cultural (Quadros 1 e 2).

Da investigação arqueológica esperava-se que produzisse conhecimento científico, validando as hipóteses através do confronto com os registos arqueológico e etnográfico; este último, particularmente ne-

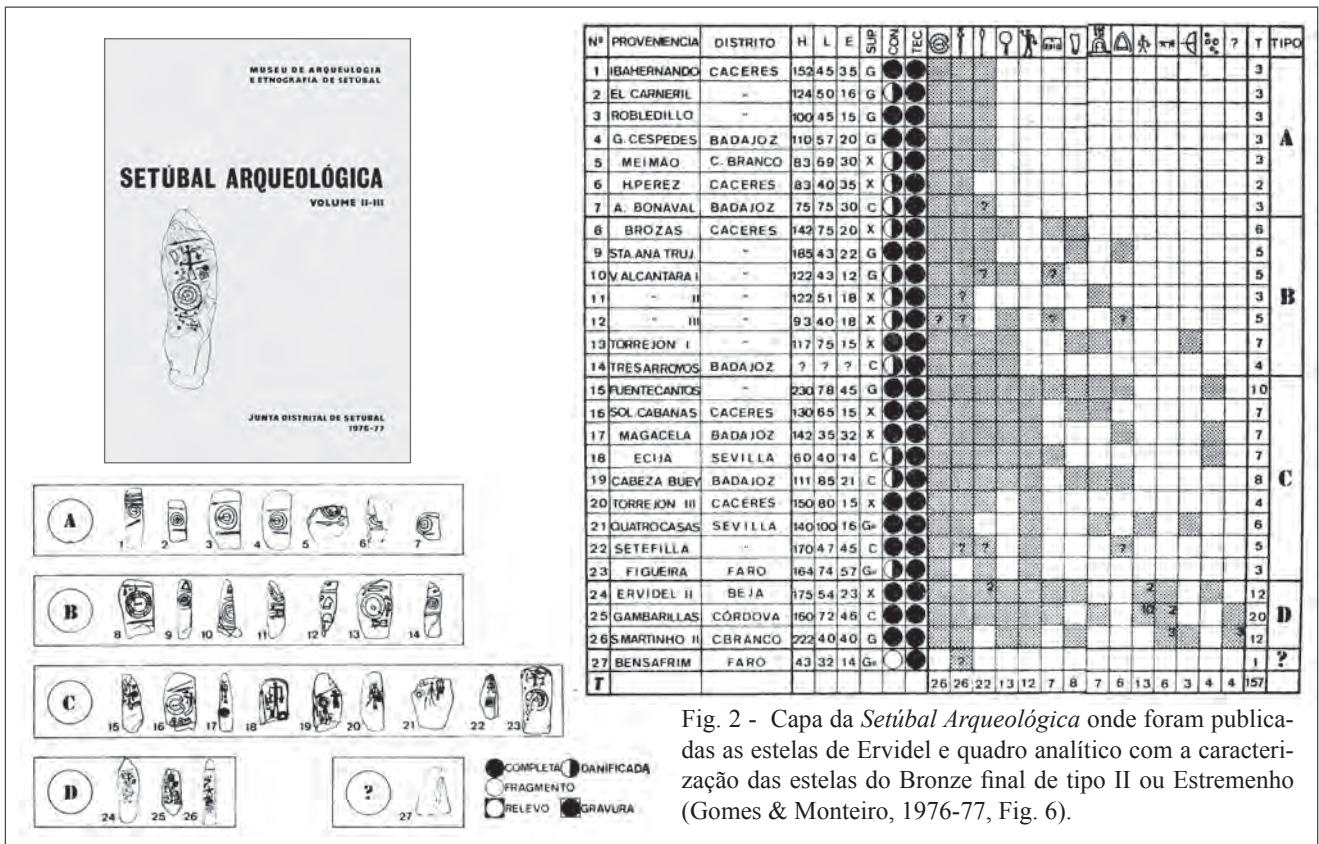


Fig. 2 - Capa da *Setúbal Arqueológica* onde foram publicadas as estelas de Ervidel e quadro analítico com a caracterização das estelas do Bronze final de tipo II ou Estremenho (Gomes & Monteiro, 1976-77, Fig. 6).

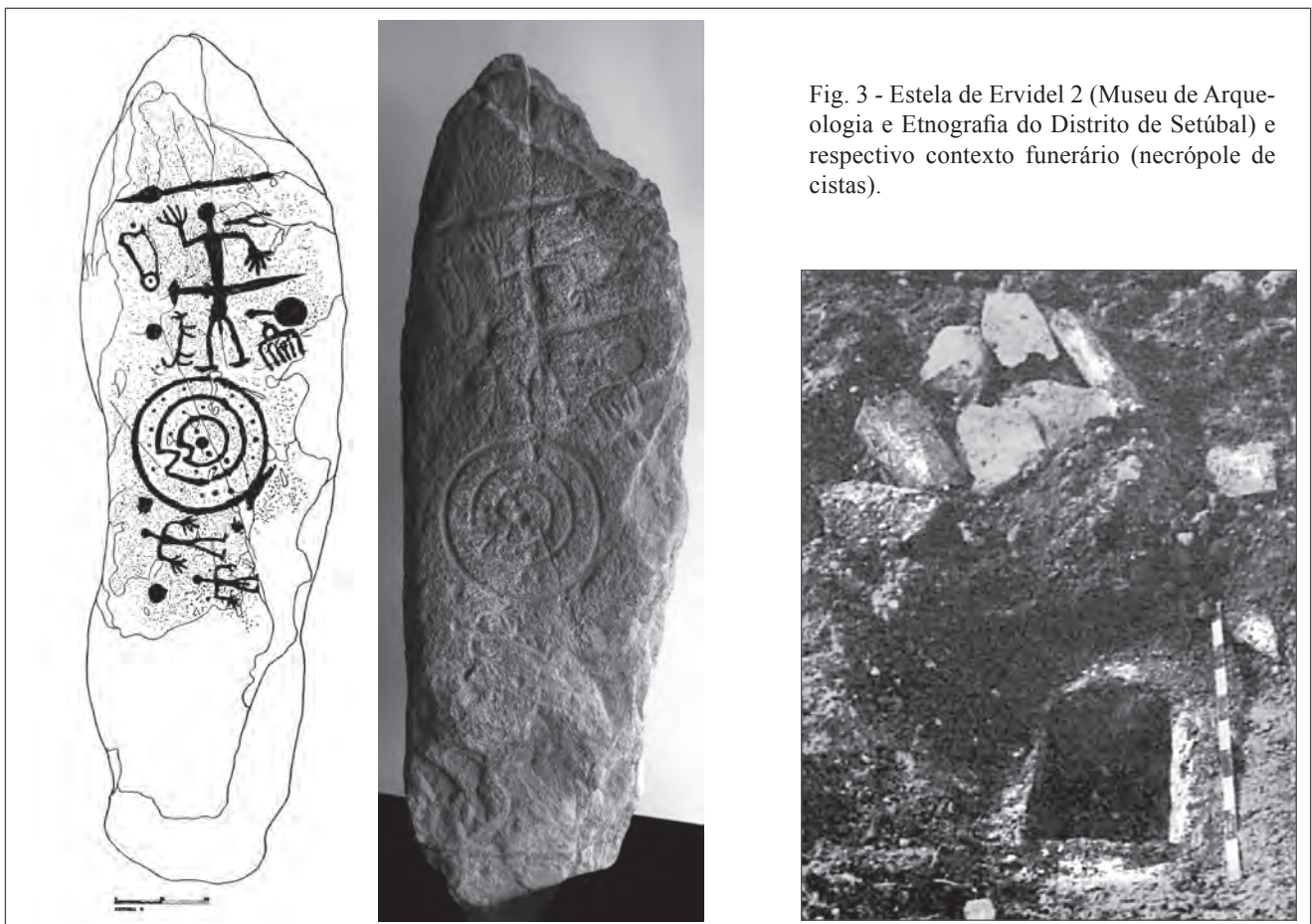


Fig. 3 - Estela de Ervidel 2 (Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal) e respectivo contexto funerário (necrópole de cistas).

cessário às materializações do simbólico³.

No plano conceptual, o historicismo cultural é definitivamente condenado, as dinâmicas culturais constituem a problemática central tal como a sua abordagem em termos sistémicos. A arqueologia é entendida como uma ciência nomotética, com capacidade para atingir a explicação do seu objecto de estudo, ou seja, o processo de funcionamento dos sistemas culturais (extra-somáticos, de inspiração childeana) e a sua articulação dinâmica quer com os ecossistemas de suporte da existência/actividade humana, quer com o sistema social.

A cultura material é expressão dos processos de adaptação (Quadro 2) e reflecte a mudança cultural, bem como a evolução social de longo termo. L. Binford (1962) propõe uma classificação funcional dos artefactos, de acordo com os respectivos contextos de pertença, integrados em subsistemas da totalidade do sistema cultural (tecnómicos, sociotécnicos, ideotécnicos) e cria um domínio de materialização do simbólico, onde a arte se inclui, transversal aos diversos subsistemas. Aquele domínio “espelha” a consciên-

cia identitária de cada grupo.

O corte epistemológico com o historicismo e o difusionismo não foi assumido no meio arqueológico português, havendo autores que persistem em considerar a migração de colonos o principal factor das grandes revoluções da Pré-história.

Questionada embora pelas correntes pós-processualistas, que se radicalizaram em formas de “conhecimento sensorial” na abordagem fenomenológica, a arqueologia processualista empresta ainda o seu aparelho metodológico à arqueologia marxista ou social (Spriggs, 1984). Os princípios teóricos de ambas as abordagens divergem sobretudo na eleição do factor principal da mudança social. A arqueologia processualista centra-se no sucesso das capacidades adaptativas dos grupos humanos aos ambientes natural e social, enquanto a arqueologia social coloca a ênfase no desenvolvimento das forças produtivas em sociedades pré-estatais a que se acrescenta a luta de classes nas sociedades estatais, ou seja, valoriza os processos produtivos, as relações sociais de produção e a economia política. Neste percurso reconhece-se

Quadro 3 - Estrutura organizativa do Curso de Antropologia Pré-histórica do MAEDS. 1980-1983.

Curso de Antropologia Pré-histórica ANO LECTIVO DE 1980-81 Coord. Carlos Tavares da Silva	
ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA I (Sociedades do Paleolítico e Mesolítico)	Jorge Pinho Monteiro
MÉTODOS DE PESQUISA PRÉ-HISTÓRICA	Carlos Tavares da Silva
ASPECTOS EPISTEMOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA	Victor S. Gonçalves
GEOLOGIA DO QUATERNÁRIO	Georges Zbyszewski
MATEMÁTICA APLICADA À ARQUEOLOGIA I	Carlos Sarrico
ESTÁGIO (ESCAVAÇÕES NA ILHA DO PESSEGUIRO) - AGOSTO	

Curso de Antropologia Pré-histórica ANO LECTIVO DE 1981-82 Coord. Carlos Tavares da Silva	
ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA II (Sociedades camponesas e metalurgistas)	Carlos Tavares da Silva
ARTE PRÉ-HISTÓRICA	Mário Varela Gomes
A IDADE DO FERRO NO SUL DE PORTUGAL	Caetano de Mello Beirão
COLONIZAÇÃO ROMANA NO SUL DE PORTUGAL	José O. Caeiro
MATEMÁTICA APLICADA À ARQUEOLOGIA II	Carlos Sarrico
ESTÁGIO (ESCAVAÇÕES NA ILHA DO PESSEGUIRO) - AGOSTO	

Curso de Antropologia Pré-histórica ANO LECTIVO DE 1982-83 Coord. Carlos Tavares da Silva	
PROSPECÇÃO ARQUEOLÓGICA AERO-FOTOGRAFICA	José Manuel Mascarenhas
INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA CERÂMICA PRÉ-HISTÓRICA DO SUL DE PORTUGAL	Carlos Tavares da Silva
TIPOLOGIA DOS ARTEFACTOS LÍTICOS	João Luís Cardoso
DESENHO ARQUEOLÓGICO	Carlos Tavares da Silva Joaquina Soares
MATEMÁTICA APLICADA À ARQUEOLOGIA III	Carlos Sarrico
ESTÁGIO (ESCAVAÇÕES NA ILHA DO PESSEGUIRO) - AGOSTO	



Fig. 4 - Capa da publicação dedicada às escavações arqueológicas realizadas na ilha do Pessegueiro.

3 - Cf. a propósito da utilização arqueológica do registo antropológico, a reflexão crítica de Ian Hodder (1982).

claramente o Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS).

Para o ensino da Arqueologia em Portugal⁴, agora felizmente institucionalizado, continua a fazer sentido revisitar a experiência pioneira do Curso de Antropologia Pré-histórica do MAEDS, pela sua clara adesão aos princípios da *Nova Arqueologia*.

Iniciou-se em 18 de Outubro de 1980, com a duração de 3 anos, de Outubro a Junho (aulas intensivas aos sábados) e estágio de campo, durante o mês de Agosto na jazida arqueológica da ilha do Pessegueiro (Sines), para o que beneficiou do apoio logístico do Grupo de Trabalhos Arqueológicos do Gabinete da Área de Sines. O curso, sob coordenação de Carlos Tavares da Silva, destinou-se a professores dos ensinos preparatório e secundário e a elementos de núcleos de arqueologia locais/regionais. Inscreveram-se 87 candidatos, para um número máximo de 40 vagas. Destes, 28 (70%) obtiveram aproveitamento, sendo-lhes concedido o respectivo diploma. Na sua maior parte, desempenham hoje actividade profissional nos domínios da Arqueologia e do Património. A origem geográfica dos alunos deste curso foi maioritariamente a Grande Lisboa, com 33% das frequências, apenas ligeiramente inferior ao resultado obtido para Setúbal, com 38%. Almada e as suas franjas de contacto com o Seixal garantiram 23% dos alunos. Sesimbra e Alcácer do Sal, embora com frequências residuais, surgem-nos aqui como indicadores da intervenção regionalizada do MAEDS.

Vejam, por fim, a estrutura do Curso, nos seus três anos de duração, expressa no Quadro 3. O corpo docente era constituído por arqueólogos, alguns docentes universitários, professores universitários de outros domínios científicos próximos, todos com reconhecida obra publicada. A teoria e a prática arqueológicas articulavam-se ao longo da formação. As disciplinas arqueológicas, cruzadas com outros domínios, proporcionariam um corpo sólido de conhecimentos e o desenvolvimento de ferramentas metodológicas para “saber actuar e pensar em arqueologia”.

Fig. 5 - No decurso das campanhas de escavação na Ilha do Pessegueiro existiam dias abertos à visita do sítio. Na imagem, a signatária com o Presidente da Junta de Freguesia de Sines, António Correia, junto do fortim filipino, dos finais do século XVI.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BINFORD, L. R. (1962) - *Archaeology as Anthropology*. *American Antiquity*, 28 (2), p. 217-225.

GOMES, M. V. & MONTEIRO, J. P. (1976-77) - As estelas decoradas da Herdade de Pomar (Ervidel-Beja) – estudo comparado. *Setúbal Arqueológica*, 2-3, p. 281-343.

HODDER, I. (1982) - *The Present Past. An Introduction to anthropology for archaeologists*. G.B.: B. T. Bats Ford, Lda.

JORGE, V. O. (1985) - Por um novo paradigma da arqueologia. *Arqueologia*, 11, p. 1-5.

JORGE, V. O. (1987) - A “Escola Arqueológica do Norte”. *Arqueologia*, 15, p. 1-3.

JORGE, V. O. (1987) - Lewis R. Binford. *Arqueologia*, 15, p. 152-154.

LEROI-GOURHAN (1971) - *Les religions de la Préhistoire*. Paris: Presses universitaires de France.

MATEUS, J. E. (1990) - A teoria da zonação do ecossistema territorial. In T. J. GAMITO (ed.), *Arqueologia Hoje I. Etno-arqueologia*. Universidade do Algarve, p. 196-218.

RENFREW, C. & BAHN, P. (1993) - *Arqueologia. Teorias, métodos y práctica*. Madrid: Ediciones Akal.

RENFREW, C. & ZUBROW, E. B. W (ed.) (1994) - *The ancient mind. Elements of cognitive archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.

SANTOS, N. C. (1990) - Prehistoric settlement: between theory and methods. In T. J. Gamito (ed.), *Arqueologia Hoje I. Etno-arqueologia*. Universidade do Algarve, p. 184-194.

SPRIGGS, M. (ed.) (1984) - *Marxist perspectives in archaeology*. Cambridge: Cambridge University Press.



4 - O ensino institucionalizado da Arqueologia é actualmente complementado por uma razoável oferta de cursos de especialização em domínios próximos, adquirindo particular relevância a bioantropologia. No entanto, a interdisciplinaridade em que apostou o Curso do MAEDS seria melhor concretizada se a estatística e a antropologia cultural integrassem os programas curriculares das licenciaturas de Arqueologia.